



**VI CONBALF**

**ALFABETIZAÇÃO  
E DEMOCRACIA:  
DIREITO À LEITURA  
E À ESCRITA**

CONGRESSO  
BRASILEIRO DE  
ALFABETIZAÇÃO

ISSN 2763-8588

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ENSINO POR PESQUISA: as parlendas na alfabetização**

**Rute Sheila Moura Gomes<sup>1</sup>**

**Maria Elizabete Souza Couto<sup>2</sup>**

**Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar**

### **Resumo**

Este trabalho apresenta o relato da experiência de prática pedagógica em alfabetização, com valorização dos textos de tradição oral e desenvolvimento de uma sequência didática por pesquisa, cujo objeto de conhecimento é a parlenda que teve como objetivo planejar e desenvolver práticas que promovam a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética. Uma experiência relevante por apresentar as etapas e resultados da realização de uma sequência didática com textos de tradição oral no desenvolvimento da linguagem oral e escrita. A prática desenvolvida considerou as narrativas das crianças e suas famílias na análise dos resultados. A base conceitual apresentada fundamenta-se nos estudos de Marilda Behrens, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Artur Gomes de Moraes e Magda Soares, possibilitando a escolha de práticas pedagógicas que permitiram a promoção de uma postura investigativa, valorização dos conhecimentos prévios e da tradição oral, o protagonismo, autonomia na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades da consciência fonológica.

**Palavras-chave:** Ensino por pesquisa; Tradição oral; Consciência fonológica; Alfabetização.

### **Introdução**

No dia a dia e no processo de alfabetização, estamos imersos em situações que envolvem jogos de palavras, cantigas, narrativas, adivinhações e outras manifestações orais que fazem parte do folclore brasileiro. Assim, a tradição oral possui como características particulares, o domínio público, a transmissão entre gerações e a presença nas interações entre adultos e crianças.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela UESC. Professora da Educação Básica do município de Ilhéus-Ba. Contato: rutesheila@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora credenciada no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UESC). Contato: mcouto@uesc.br

Considerando que no primeiro ano, do ciclo de alfabetização, as habilidades metalinguísticas ainda se encontram em desenvolvimento nas crianças, é válido pensar na construção da aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) a partir de textos da tradição oral, que já façam parte do repertório cultural dos alunos, como exemplo: cantigas, parlendas, trava-línguas, adivinhas e lenga-lengas. Desta forma, este trabalho apresenta o relato da experiência de práticas pedagógicas em alfabetização, com valorização dos textos de tradição oral e desenvolvimento de uma sequência didática por pesquisa, cujo objeto de conhecimento é a parlenda.

Este estudo se caracteriza como um relato de experiência, é a narrativa de uma experiência desenvolvida. Assim, o relato de experiência é um conhecimento, uma experiência que deve ser socializada com uma fundamentação científica. A escrita do texto deve estar na 1ª pessoa de forma subjetiva e detalhada (GROLLMUS; TARRÉS, 2015). Está estruturado a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, caracterizada como uma investigação descritiva, que considera o contexto e as narrativas para fundamentar a análise de dados, valorizando o processo, não, somente o resultado (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A realização da sequência didática ocorreu em duas turmas de primeiro ano do ensino fundamental, no segundo semestre de 2022, em uma escola da Rede Municipal, localizada em bairro periférico, no interior da Bahia. A organização das turmas de primeiro ano permite o total de quinze crianças matriculadas, e participaram desta prática aquelas que frequentaram as aulas, durante o desenvolvimento da sequência de ensino.

## **2 A construção do SEA e a tradição oral**

O termo literatura oral tem seu marco temporal em 1881 (CASCUDO, 2012), com a criação do termo literatura oral por Paul Sébillot. Porém, é destacado que a definição deste termo ocorreu em período posterior em que “a literatura oral inclui aquilo que, para quem não lê, substitui as produções literárias” (CASCUDO, 2012. p. 13, tradução nossa). Esta concepção se evidencia na identificação dos usos e conservação de cantigas, parlendas, trava-línguas, adivinhas e provérbios populares em espaços diversos, independente dos contextos de aprendizagem ou etapas de escolarização. Gomes e Moraes (2013, p. 53) consideram que “brincadeiras com a palavra em seu uso social favorecem a entrada da criança no universo textual”. E Moraes (2012, p. 57) compreende que textos da tradição popular “constituem excelente material para ajudarmos nossos aprendizes a refletir sobre as palavras da língua, em suas dimensões gráfica e sonora, ao mesmo tempo que brincam com versos e suas palavras”. Trata-se de ir além do registro da fala para atender a necessidade de demandas culturais e sociais, possibilitando em sala de aula, a partir da oralidade,

construção do conhecimento. Soares (2020) argumenta que o texto deve ser o eixo central no processo de alfabetização, pois, a criança busca sentido durante a aprendizagem da escrita e este significado ocorre nas suas interações com o texto.

As parlendas, ainda que compostas por jogos de palavras que não apresentem um real significado, definidas como “sem pé nem cabeça” por Cascudo (2013, p. 53), possuem elementos importantes para o desenvolvimento da consciência fonológica. Para Soares (2020) a consciência fonológica é uma competência para compreender a palavra a partir dos segmentos sonoros que a compõe. Os elementos que constituem as características principais de uma parlenda, como rima, sonoridade, ritmo são capazes de desenvolver esta competência para a construção do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Dessa maneira, para que aquisição do SEA aconteça, é necessário acompanhar os alunos para compreender como a aprendizagem vem sendo construída, identificando como a criança se comporta frente aos novos conhecimentos que são apresentados, notando os conflitos cognitivos que surgem e, a partir disso, planejar outras estratégias e desafios para o alcance dos objetivos propostos. Para isso, consideramos os fundamentos da teoria da Psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) que, conforme Morais (2012), as autoras defendem que os conhecimentos a serem construídos acerca do sistema alfabético não são adquiridos somente pela intervenção escolar, mas são provenientes das relações que o próprio aprendiz consegue realizar entre o que está sendo transmitido e os seus conhecimentos prévios. Compreende-se, também, que promover a reflexão sobre as palavras e suas partes orais, é significativo na aprendizagem e desenvolvimento da escrita. Para tanto, as atividades propostas, pautaram na concepção construtivista da consciência fonológica (MORAIS, 2012).

### **3 Resultados e Discussão**

A sequência de atividades proposta apresentou etapas comuns às duas turmas que participaram desta pesquisa. Estas serão identificadas como T1 (matutino) e T2 (vespertino) para a análise dos resultados e particularidades no desenvolvimento das atividades.

No período de realização da sequência didática, último trimestre do ano letivo de 2022, a partir de avaliações pautadas na teoria da psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) as turmas se caracterizavam, quanto ao nível de escrita da seguinte forma: a T1, com seis alunos em nível pré-silábico, três em nível silábico-qualitativo e seis alfabéticos; a T2, também com seis crianças em nível pré-silábico, dois silábico-qualitativos, um silábico-alfabético e seis alfabéticos. Em 2022, com a flexibilização das medidas de isolamento social, o ensino foi presencial, mas houve muitas situações em que as crianças se

ausentavam da escola.

Nesse contexto, as etapas de desenvolvimento de uma sequência didática investigativa, teve como tema “os textos de tradição oral” (Quadro 1).

**Quadro 1- Desenvolvimento da sequência didática investigativa**

Aula nº	Atividades desenvolvidas
1	<ul style="list-style-type: none"><li>• Roda de leitura: O Jogo da Parlenda de Heloísa Prieto (2010);</li><li>• Discussão e contextualização sobre o tema parlendas;</li><li>• Convite e orientação sobre a atividade de pesquisa com a família;</li></ul>
2	<ul style="list-style-type: none"><li>• Retorno da atividade de pesquisa com a família;</li></ul>
3	<ul style="list-style-type: none"><li>• Atividade de escrita;</li></ul>
4	<ul style="list-style-type: none"><li>• Produção do mural coletivo.</li></ul>

Fonte: material da pesquisa (2022)

Na aula 1, a leitura compôs o momento de contextualização (BEHRENS, 2011) com o livro: O Jogo da Parlenda (PRIETO, 2010). Nesta etapa, antes de iniciar a leitura da história, as crianças foram questionadas se sabiam o que era uma parlenda e embora tenha sido um gênero textual já trabalhado durante o ano, as mesmas não exemplificaram ou apresentaram um conceito construído. Porém, ao iniciar a leitura da história, houve uma ampla interação delas, e fizeram considerações enquanto iam ouvindo as parlendas:

**Quadro 2- Interações em sala**

T1
- Minha vó fala isso: sol e chuva, casamento da viúva, chuva e sol casamento de espanhol.
- Isso aí é um trava-língua (ao ouvir: “o doce perguntou para o doce...”).
T2
- Pró, vamos falar isso juntos?
- Eu já sabia isso aí, escuto lá em casa. (Ao ouvir: “hoje é domingo, pé de cachimbo...”)

Fonte: material da pesquisa (2022).

A T2 apresentou um nível maior de inferências, mas em ambas as turmas, as crianças se divertiam com o jogo de palavras, permitindo notar que já conheciam o gênero textual e seus usos nas práticas sociais, ainda que não conseguissem conceituar o que é parlenda (SOARES, 2020). Após a leitura da história, as perguntas apresentadas pela autora quanto à origem das parlendas, desencadeou novos questionamentos realizados pela professora. Estes possibilitaram contextualizar a leitura apresentada com a interação familiar das crianças: “onde vocês ouviram essas rimas?”, “quem, em sua casa, costuma falar as palavras dessa forma?”, “é possível brincar com esses jogos de palavras?”.

A pesquisa foi proposta a partir de uma conversa com as crianças sobre o que era uma pesquisa, o posicionamento das mesmas foi:

**Quadro 3- Interações em sala**

<b>T1</b>
- É não saber algo e ir no Google.
- Olhar no celular.
<b>T2</b>
- Quando a gente quer pesquisar alguma coisa a gente vai no Google e pesquisa.
- Uma pesquisa é quando a gente precisa saber de alguma coisa, ou quando a gente precisa fazer um trabalho, aí a gente vai lá, escreve, ou vai lá no Youtube ou, então, fala lá e aí a gente vai saber o que que é para fazer. Isso que se chama uma pesquisa.

Fonte: material da pesquisa (2022).

Observa-se, que os conceitos das turmas, em relação à pesquisa, estão atrelados ao uso de recursos digitais. Então, elas foram convidadas à realização de uma pesquisa, a partir da questão de investigação: “Quais parlendas que fazem parte do repertório de brincadeiras das crianças e dos seus familiares?”. Foi distribuída uma ficha para a coleta de dados com seus familiares. Nela foram apresentadas seis parlendas e quatro perguntas, com respostas fechadas e abertas, relacionadas: à identificação do familiar; ao conhecimento prévio sobre parlendas; à infância; e uso das parlendas como brincadeiras. Houve a elaboração coletiva e com o apoio da professora, de uma quinta pergunta. Na ficha foi disponibilizado um espaço em branco para que as crianças preenchessem com a pergunta elaborada por eles. As questões foram:

**Quadro 4- Perguntas elaboradas pelas turmas**

T1: Em qual brincadeira você usava as parlendas?	T2: Com quem você aprendeu as parlendas?
--	--

Fonte: material da pesquisa (2022).

Esta fase compreende “a pesquisa individual realizada pelos alunos, que precisam trazer suas contribuições para a sala de aula” (BEHRENS, 2011, p 101). Deste modo, na aula 2, os alunos trouxeram a devolutiva da pesquisa, conforme apresentado:

**Quadro 5- Devolutiva da pesquisa**

<b>Aula nº</b>	<b>Descrição</b>	<b>T1</b>	<b>T2</b>
1	Total de crianças que levaram a atividade de pesquisa	10	11
2	Total de crianças que trouxeram a pesquisa respondida	05	04
	Total de crianças que não trouxeram a pesquisa respondida	03	04

Fonte: material da pesquisa (2022).

Observa-se que a frequência das crianças, de ambas as turmas e nas duas aulas, foi inferior ao total de crianças matriculadas e que, embora demonstrassem motivação com a proposta, nem todos apresentaram a atividade realizada. Na T1, foi oportunizado às crianças

que não trouxeram a pesquisa respondida, a realização da tarefa com professoras que estavam na escola, em planejamento. Na T2, este momento não foi possível, pois todas as professoras estavam em atividades na sala de aula. Embora alguns alunos não tenham realizado a pesquisa, foi garantido que todos participassem da análise dos dados, a partir das interações com a turma e professora. O momento de socialização das informações coletadas com as famílias, possibilitou a construção de gráficos por categorias.

Após as discussões e participação dos alunos na apresentação das atividades foi realizada a produção dos gráficos e análise, foi retomada a questão de investigação, sendo proposta a fase de discussão reflexiva (BEHRENS, 2011), em que foi discutido que são variadas as parlendas que fazem parte do repertório da turma e seus familiares. Embora as atividades desenvolvidas estivessem com objetivos relacionados ao componente curricular de Língua Portuguesa, o momento de confecção dos gráficos e análise dos dados ampliou os objetos de conhecimento para o estudo de conceito estatístico – organização, leitura e interpretação de dados em Gráficos - em Matemática.

Sobre os dados sistematizados, observa-se que as famílias participantes da pesquisa conhecem os textos de tradição oral, não havendo uma parlenda indicada como a mais conhecida. Foi possível também identificar qual o nível de frequência e participação familiar na rotina de estudos, revelando a importância da mediação da professora para que todas as crianças sejam incluídas no desenvolvimento da atividade em sala, ainda que não tivessem realizado a etapa com os familiares. Também ficou evidenciado que as duas turmas iniciaram a inclusão de parlendas nos diálogos entre si e nas brincadeiras, como forma de resposta engraçada ou provocativa. Assim, a tradição oral vai se fazendo presente nas brincadeiras com a palavra, na escola e na família, e esse uso social favorece a aquisição do SEA no universo textual. (GOMES; MORAES, 2013).

A atividade proposta na aula 3 chamou a atenção para o desenvolvimento do SEA, contemplando as hipóteses de escrita das crianças. Considerando que o questionário não indicou uma parlenda mais conhecida pelas famílias, retomei uma parlenda já estudada com eles, no intuito de aprofundar a análise da estrutura do texto, bem como a reflexão para a aquisição do SEA. Retomei a parlenda: *Jacaré de catapora, toma suco de amora. A coruja dona Aurora, voa voa sem demora.* Para a atividade de escrita foi apresentada uma ficha de sistematização das palavras (Figura 1):



**Figura 1: ficha de sistematização das palavras**

ELEMENTOS DO TEXTO	PALAVRA	VAMOS ESCREVER?		ESCREVA UMA FRASE
		PRIMEIRA LETRA	PALAVRAS RETIRADAS DA PARLADA SEPARE EM SÍLABAS	
		<input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	
		<input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/>	
		<input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/>	
		<input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/>	
		<input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/>	

Fonte: atividade realizada na aula (2022)

Segui as etapas para análise de cada palavra: 1- apresentação da imagem e questionamento sobre qual palavra deveria ser registrada/escrita; 2- segmentação oral e contagem das sílabas; 3- relação fonema e letra para o registro no quadro; 4- formação da palavra com o alfabeto móvel de modo individual, a partir da consulta no quadro; 5- análise das partes das palavras, comparando-as entre si e identificando rimas; 6- elaboração e escrita da frase. As crianças contaram, em todas as etapas, com a mediação da professora.

A utilização de imagens na ficha, “permite à criança recuperar a palavra oral sobre a qual vai refletir, e isso reduz a sobrecarga em sua memória de trabalho, porque, olhando a imagem, ela pode sempre recuperar a palavra (isto é, o significante oral) que está focalizando” (MORAIS, 2012, p. 55). As etapas desta atividade que contemplaram a segmentação oral, comparação entre palavras, identificação de rimas, antecedendo cada momento de escrita, contribuem para o desenvolvimento de habilidades da consciência fonológica (MORAIS, 2012).

A atividade revelou dificuldades na aquisição do SEA por algumas crianças que, ainda, estavam pré-silábicas da T1 e T2, como exemplo: identificação e organização das letras móveis; registro das palavras no espaço de separação das sílabas, em alguns momentos suprimiam letras, sílabas ou invertiam a ordem das sílabas; no registro das frases, houve a escrita incompleta ou palavras registradas de forma, ainda, não convencional. O grupo de crianças silábicas e alfabéticas apresentaram maior autonomia nas etapas da atividade e foram as que mais sugeriram frases. Às crianças que já estavam alfabéticas, foi dispensado um tempo para registro da frase de forma autônoma e, posteriormente, os ajustes eram orientados pela professora. O desafio da atividade contribuiu para o avanço na aprendizagem.

Como produção final, “com clareza dos conteúdos propostos e as pesquisas realizadas contemplando o tema proposto” (BEHRENS, 2011, p 103), as turmas foram convidadas a

produzir um cartaz coletivo. Este material foi apresentado à comunidade escolar mostrando as etapas de realização da sequência didática por meio de fotos, textos, fichas utilizadas no processo de construção dos gráficos com as análises de dados. Este momento de construção coletiva, permitiu às crianças revisitarem os aspectos que foram estudados ao longo do processo. Foi possível observar, por meio da oralidade, a compreensão das etapas e construção de conceitos de rima e função social das parlendas, com os usos adequados ao contexto, permitindo, assim, a avaliação processual e participativa.

## **Considerações**

Com o desenvolvimento desta sequência didática foi possível promover a aproximação de alunos do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização, com a metodologia de ensino por pesquisa. A análise dos diversos momentos de aprendizagem que foram propostos possibilitou observar que esta metodologia de ensino oportuniza espaço de contato dos alunos com as linguagens oral e escrita, garante o lugar para elaboração de questionamentos, reflexão e análise dos seus conhecimentos prévios e inclui a participação familiar, viabilizando o protagonismo do aluno e a autonomia no seu processo de aprendizagem.

A atividade proposta permitiu o exercício de compreensão das relações entre os elementos da oralidade e da escrita, contribuindo ao desenvolvimento do SEA. As parlendas passaram a ser adotadas como respostas entre eles e, também, nas brincadeiras, revelando aprendizagem quanto ao uso dos textos de tradição oral e a construção da consciência fonológica. Sobre esta proposta no processo de alfabetização, observei que valoriza os conhecimentos prévios das crianças, a participação da família, trazendo também uma postura investigativa frente à proposição de um questionamento, tornando mais significativo o ato de ler e escrever.

## **Referências**

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Global, 2012. Disponível em:  
file:///C:/Users/NOT01/Downloads/1952%20%20Literatura%20Oral%20no%20Brasil.pdf.  
Acesso em: dez. 2022

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.



GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo: Cortez, 2013.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf)  
Acesso em: 22 maio. 2023.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Autêntica, 2019.

PRIETO, Heloisa. **O jogo da parlenda**. Ed. Companhia das Letrinhas. 2010.

SOARES, Magda. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.